



PAINEL NARRATIVO SEMANAL:

Percepções qualitativas e estratégicas

Décima quinta rodada

Este relatório integra o projeto de acompanhamento qualitativo permanente da opinião pública brasileira ao longo de 2026, articulando escuta em profundidade, análise política e leitura estratégica do debate público.

Acompanhe as edições no site: <https://institutodx.org/semanaldx/painel>



EXPEDIENTE

Painel Narrativo Semanal: Percepções Qualitativas e Estratégicas

Este relatório está licenciado sob a licença Creative Commons CC BY-SA 4.0 BR. Essa licença permite que outros remixem, adaptem e criem obras derivadas sobre a obra original, inclusive para fins comerciais, contanto que atribuam crédito aos autores corretamente e utilizem a mesma licença.

COMO CITAR ESSE DOCUMENTO:

VASQUES, Beto; SOLANO, Esther. Instituto Democracia em Xeque (DX). Painel Narrativo Semanal: Percepções Qualitativas e Estratégicas DX, 22 ago. 2026. Período de campo: 21 de agosto de 2026. Disponível em: <<https://institutodx.org/semanaldx/painel/>>.

EQUIPE DO RELATÓRIO

Beto Vasques

Diretor de Relações Institucionais do Instituto DX

Esther Solano

Professora da UNIFESP, pesquisadora em Ciências Sociais e conselheira do Instituto DX

Projeto gráfico: Moara Juliana e Júlia Brancaglione Cristofi.



ESCOPO

Nesta rodada, as atenções se concentraram em três eixos da agenda factual e comunicacional recente: o vídeo de reaproximação entre Flávio Bolsonaro e Michelle Bolsonaro e o impacto da ex-primeira-dama na campanha do senador; a percepção sobre a declaração de Flávio de que o caso Dark Horse seria “página virada” e de que não precisaria mais apresentar documentos; e o impacto dos casos Lulinha e Marcola sobre a campanha de Lula e sobre a avaliação da atuação do presidente diante desses episódios. Ao final, como em todas as semanas, foi testada a inclinação de voto entre os eleitores pendulares.

O objetivo foi observar como esses episódios reorganizam percepções sobre reconciliação política, unidade familiar, cálculo eleitoral, confiança, prestação de contas, memória pública, corrupção, entorno presidencial, independência investigativa, responsabilidade política e voto entre eleitores que continuam sem decisão consolidada para 2026.

A rodada aprofunda uma hipótese acumulada desde Dark Horse: o eleitor pendular decide menos por adesão ideológica estável e mais por comparação permanente entre proteção concreta, desejo de mudança, confiança moral, risco percebido, comportamento público, maturidade, previsibilidade, capacidade de execução e fatos da semana.

PERÍODO:

21 de agosto de 2026 (campo) | 22 de agosto de 2026 (relatório)

GRUPOS:

2 grupos focais em formato de tríades etnográficas

COMPOSIÇÃO:

Grupo 1: homens | Grupo 2: mulheres

PERFIL:

30-50 anos, ensino médio, renda familiar de 3 a 7 salários-mínimos

REGIÃO:

Preferencialmente eleitores das Regiões Metropolitanas de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Salvador (“swing states”)

CRITÉRIO POLÍTICO:

Eleitores e eleitoras pendulares, indefinidos para 2026, que não rejeitam Lula nem Flávio Bolsonaro

MATERIAL TESTADO:

Vídeo de reaproximação entre Flávio e Michelle; declaração de Flávio sobre “virar a página” do caso Dark Horse; repercussões dos casos Lulinha e Marcola; inclinação de voto.



Painel Narrativo Semanal

Investigação qualitativa sobre opinião pública, preferências eleitorais e percepção política de eleitores “pendulares”.

Método	Público	Foco
Triades etnográficas	Eleitores Pendulares	Percepções Eleitorais



Insight Central

A décima quinta rodada marca uma inflexão na dinâmica da campanha: depois de a abertura formal não ter rompido a lógica relacional do eleitor pendular, a semana mostrou como a disputa volta a ser reorganizada por dois movimentos simultâneos: a tentativa de recomposição simbólica de Flávio por meio de Michelle e a intensificação da contaminação de Lula pelos casos Lulinha e Marcola.

O achado central é que a agenda factual opera como uma sequência de ondas. O caso Dark Horse não desaparece, porque não foi esclarecido; perde intensidade porque outro escândalo passa a ocupar o centro da atenção, mas pode voltar a ganhar centralidade se voltar ao noticiário. Os participantes reconhecem esse mecanismo como problemático, mas descrevem com clareza sua força: a memória pública é curta, os casos se substituem e a “bola da vez” desloca o foco do desgaste.

Para Flávio, o vídeo com Michelle ajuda a recompor a imagem de unidade, mesmo sob suspeita de encenação. A maioria percebe cálculo eleitoral, mas aceita que, em campanha, quem está do mesmo lado precisa transmitir alinhamento. O vídeo não apaga a crise anterior, mas reduz seu custo imediato: a reconciliação pode ser vista como farsa, mas a desunião era ainda pior.

Entre as mulheres, Michelle aparece como figura com força própria, capaz de dialogar com o eleitorado feminino, com mães, com família e com candidaturas de mulheres. Seu apoio é percebido como relevante para Flávio porque oferece aquilo que o senador ainda tem dificuldade de produzir sozinho: ponte com mulheres, densidade simbólica e imagem de cuidado.

O efeito positivo do vídeo, entretanto, encontra limite na declaração de Flávio sobre Dark Horse. Ao dizer que a página estaria virada e evitar apresentar documentos que havia prometido, o senador reativa a suspeita de fuga, cortina de fumaça e ausência de

prestação de contas. Para os participantes, “virar a página” não equivale a encerrar o caso: sem documentos, o caso não está resolvido, apenas temporariamente deslocado.

Ao mesmo tempo, Lula entra na rodada mais vulnerável do que nas semanas anteriores. Diferentemente da 13ª rodada, em que os casos Lulinha e Marcola eram conhecidos de forma mais difusa e a resposta institucional de Lula amortecia o dano, agora os participantes demonstram maior conhecimento, maior desconforto e maior dificuldade de separar o presidente de seu entorno.

A fala de Lula sobre deixar investigar e não blindar o filho ainda é considerada correta. Mas a desconfiança entre uma possível distância entre palavra e fato passou a pesar mais. A declaração é bem avaliada como forma, porém vista com ceticismo como garantia prática. Cresce a suspeita de que Lula possa manobrar nos bastidores, interferir de forma pouco visível ou tentar preservar o filho sem assumir publicamente essa proteção.

O caso Marcola aprofunda esse problema porque desloca a suspeita da esfera familiar para a esfera do entorno político-administrativo. Os participantes veem indícios de troca de favores e cobram a pergunta que organiza a rodada para Lula: como tantas pessoas próximas se envolvem em suspeitas sem que o presidente soubesse de nada? A vulnerabilidade deixa de ser apenas “pai protegendo filho” e passa a ser também “chefe cercado por gente problemática”.

No voto, os fatores estruturais permanecem estáveis: quem se inclina a Flávio o faz por renovação, alternância e cansaço com o PT; quem se inclina a Lula o faz por políticas públicas e entregas para os mais pobres. Mas a agenda factual desta semana pesa mais negativamente contra Lula. Flávio ganha um respiro relativo não porque foi absolvido, mas porque o desgaste migrou para o entorno do presidente.

A rodada reforça, portanto, uma nova formulação: no eleitor pendular, a campanha não se organiza apenas por escândalos em si, mas pela sucessão de ondas de desgaste e pela capacidade de cada candidato de atravessar a própria onda sem parecer cínico, omissor ou protegido. Nesta semana, Michelle ajudou Flávio a parecer mais unido; Dark Horse continuou sem quitação; Lulinha e Marcola fizeram Lula parecer mais cercado e menos imune.

Sumário executivo visual

Doze leituras estratégicas para decisão política e comunicação.

1

O vídeo Flávio-Michelle ajuda, mesmo sob suspeita

A maioria percebe o cálculo e a possível encenação, mas avalia que demonstrar unidade é melhor do que manter a crise familiar aberta.

2

A política tolera performance quando ela resolve um problema

O eleitor pendular não exige ingenuamente espontaneidade total: sabe que há marketing, mas julga se a encenação produz alinhamento funcional.

3

Michelle e o voto feminino

Ela aparece como ponte com mulheres, mães, família, evangélicos e candidaturas femininas. Para Flávio, oferece uma densidade que ele ainda não tem sozinho.

4

Reconciliação reduz dano, mas não quita crises anteriores

O vídeo pode amortecer a briga familiar, mas não resolve a sombra de Alfredo Gaspar, o machismo percebido nem a falta de propostas.

5

Sem documentos, a “página não está virada”

Os participantes cobram que Flávio apresente as provas prometidas. Sem documentos, a página não está virada; apenas saiu do centro do noticiário.

6

Dark Horse perde força por substituição, não por esclarecimento

A memória é curta e os casos funcionam como ondas. O foco muda para Lulinha-Marcola, mas o problema de Flávio permanece sem fechamento e pode voltar a qualquer momento.

7

Lulinha e Marcola viram a “bola da vez”

A agenda factual desloca o desgaste para Lula. Os casos são mais conhecidos e mais difíceis de amortecer do que na rodada anterior.

8

Lula fala certo, mas já não basta falar certo

A declaração de autonomia da PF é considerada correta, mas cresce a desconfiança entre discurso público e possível manobra nos bastidores.

9

Marcola contamina o problema do entorno

O caso sugere troca de favores e faz a suspeita sair da relação pai-filho para uma pergunta de gestão: quem Lula deixa circular ao seu redor?

10

Flávio recebe alívio relativo, não absolvição

O senador se beneficia da onda negativa contra Lula, mas segue vulnerável por Dark Horse, documentos não apresentados e baixa confiança pessoal.

11

O voto mantém fatores estáveis

Flávio segue escolhido por alternância, renovação e cansaço com o PT. Lula segue escolhido por políticas públicas, programas sociais e percepção de cuidado com os mais pobres.

A agenda factual segue como tribunal semanal

Cada nova onda testa biografias morais, coerência, prestação de contas e capacidade de não parecer protegido, cínico ou conivente.

Mapa de percepções

Como os participantes organizam Flávio Bolsonaro, Michelle, Dark Horse, Lula, Lulinha, Marcola, investigações e voto pendular.

Ator / eixo	Imagem dominante	Efeito eleitoral
Flávio Bolsonaro	Beneficiado pela recomposição visual com Michelle e pelo deslocamento do foco para Lulinha-Marcola. Ao mesmo tempo, segue cobrado por não apresentar documentos sobre Dark Horse.	Ganha respiro pela onda negativa contra Lula, mas não recompõe confiança plena. O risco é parecer que foge da prestação de contas.
Michelle Bolsonaro	Figura percebida como forte entre mulheres e mães, capaz de gerar unidade, esperança e ponte com o eleitorado feminino. Mesmo vista como calculada, sua presença ajuda.	Fortalece Flávio se parecer alinhada e ativa. Pode suavizar a crise familiar e de gênero, mas não substitui propostas nem resolve outras sombras da chapa.
Dark Horse / Banco Master	Caso perde centralidade por substituição noticiosa, não por esclarecimento. A promessa de documentos não cumprida mantém a suspeita viva.	Pode voltar com força se houver novo fato ou cobrança pública. "Página virada" sem prova soa como fuga.
Lula	A Declaração pública é vista como correta, mas cresce a dúvida sobre interferência, proteção ao filho e manobras pouco visíveis.	Perde parte da vantagem de postura institucional se não demonstrar independência efetiva das investigações e distanciamento convincente dos envolvidos.
Lulinha	Caso mais conhecido, percebido como em evolução. Participantes cobram independência investigativa.	Aumenta o desgaste de Lula, sobretudo se parecer que há blindagem, manobra processual ou tentativa de ganhar tempo.
Marcola / entorno de Lula	Caso percebido como troca de favores e intermediação de contratos. Reforça a pergunta sobre o que Lula sabia ou deveria saber.	Transforma suspeita familiar em suspeita de gestão e entorno. Pode corroer a imagem de controle, cuidado e governabilidade.
PF / Justiça / investigações	A independência é demandada como condição mínima. Há desconfiança sobre morosidade e mudança de instância e interferências indiretas.	Se a investigação parecer firme, Lula pode amortecer dano; se parecer manobra, a suspeita se converte em desgaste eleitoral maior.
Eleitor pendular	Comparativo, desconfiado e sensível a ondas de escândalo. Mantém critérios estruturais estáveis, mas oscila conforme a agenda factual.	A inclinação segue branda: Flávio pela alternância; Lula por políticas sociais.



Frase Síntese

A décima quinta rodada mostra que a campanha entrou em uma fase de ondas sucessivas de desgaste. Flávio consegue algum respiro ao recompor simbolicamente sua unidade com Michelle e ao ver o foco migrar para Lulinha-Marcola, mas continua sem quitar Dark Horse porque “virar a página” sem apresentar documentos soa como fuga. Lula, por sua vez, ainda fala corretamente sobre investigação e autonomia da PF, mas já não basta falar certo: os casos Lulinha e Marcola fazem crescer a suspeita sobre risco de manobra nos bastidores e qualidade do entorno. O voto segue relacional: Flávio é mantido pela promessa de mudança; Lula, pelas entregas sociais.



Achados qualitativos

Temas, interpretações e aspas selecionadas.



Vídeo Flávio-Michelle: unidade performada, mas politicamente funcional

A recepção do vídeo de reaproximação entre Flávio e Michelle é majoritariamente positiva, embora atravessada por desconfiança. Os participantes reconhecem descontração, boa produção, slogan eficiente e imagem de alinhamento. Ao mesmo tempo, muitos leem o gesto como construído, calculado e possivelmente artificial, sobretudo porque a crise entre os dois ainda estava fresca na memória.

O ponto decisivo é que a encenação, mesmo percebida como tal, pode funcionar politicamente. Para esse eleitor, a desunião fragilizava a candidatura; a imagem de alinhamento, ainda que calculada, reduz o custo da crise familiar. A campanha não precisa convencer plenamente sobre sinceridade, mas precisa interromper a percepção de guerra interna.

“Gostei do conjunto, ficou bem-feita, a equipe de marketing acertou, a interação entre ele e a Michelle ficou legal porque até tempos atrás estavam rompidos, mas agora a gente vê a Michelle que prioriza a mulher. Pareceu serem pessoas da família no vídeo, gostei, bem entrosados...espero que seja verdade. Ah, e o slogan é bem bolado, é bom, deixar uma mensagem de esperança”

PARTICIPANTE D, GRUPO 1

"Achei interessante, mas com um pouco de falsidade entre os dois porque dias atrás estavam brigados, achei que forçaram um pouco, né? Não sei se é real. Estão juntos só para fazer campanha...achei pouco sério a música, acho que deveria ser mais sério"

PARTICIPANTE J, GRUPO 1

"Achei que eles fizeram o que deveria ser feito com relação aos objetivos deles. Houveram muitos conflitos, desgastes mesmo estando ao mesmo lado e no fim meio que foi uma iniciativa para transmitir que está tudo dentro do conforme, tudo alinhado. Achei que a produção foi legal o estilo jovem, uma pegada diferente. A forma dos dois interagirem passa uma imagem positiva, mesmo que a gente não saiba validar o quando é sincero, mas é importante porque o conflito só enfraquecia eles. O slogan é legal também, gostei e falar sobre o futuro é primordial e também tem o peso do outro lado ter uma pessoa consolidada há bastante tempo, então eles trabalham bem essa coisa do ter um futuro diferente do que nós temos hoje"

PARTICIPANTE R, GRUPO 1

"Achei bacana, espero que seja de verdade e engatem essa parceria deles. O vídeo está ok, achei descontraído, bem diferente, despojado, mostrando que estão se dando bem, talvez ainda tenham diferenças, mas parece que eles se uniram para a campanha...o slogan eu gostei, achei bem preciso, achei bem legal"

PARTICIPANTE F, GRUPO 2

"Eu achei a apresentação simples, proposital, né? Para atingir todos os públicos, bem descontraído, mas que quer mostrar eles unidos, ainda que não seja assim... e o slogan cai muito bem ao que todo o mundo, que tem jeito de melhorias e tem a ver também com o Lula, porque futuro é como se fosse uma coisa nova, né? E com certeza o slogan fica forte perante o outro candidato"

PARTICIPANTE C, GRUPO 2

"Eu acho bem farsa, acho um recorte, uma mensagem meio dúbia, acho que é estratégico, não confio."

PARTICIPANTE R, GRUPO 2



Leitura estratégica

O vídeo ajuda Flávio menos por provar a reconciliação verdadeira e mais por interromper a imagem de desagregação. A unidade performada é insuficiente para recompor confiança plena, mas suficiente para reduzir dano imediato.

Michelle como ativo: ponte feminina, materna e eleitoral

Quase todos reconhecem que a demonstração de unidade é estratégica e relevante para a campanha. Entre mulheres, Michelle aparece com papel ainda mais forte: liderança feminina, referência para mães, figura capaz de abrir espaço para mulheres na política e de transferir credibilidade a Flávio em um terreno onde ele é estruturalmente vulnerável.

A rodada confirma que Michelle não é apenas apoio familiar; é ativo político com valor próprio. Sua presença fortalece a candidatura porque oferece imagem de cuidado, representação feminina e família recomposta. Ao mesmo tempo, esse ativo revela a dependência de Flávio: ele precisa dela para falar com um eleitorado que, sozinho, não consegue alcançar de modo convincente.

"O apoio dela é um apoio muito importante, acho que eles estão cumprindo os papéis que eles tinham que cumprir, não tinha como seguir a briga, mesmo que não tenham se entendido pra valer. Isso fortalece eles."

PARTICIPANTE R, GRUPO 1

"Eles estavam se enfraquecendo então mesmo que sendo eleitoral, mas agora eles vieram a público a dizer que está tudo bem. É mais para maquiagem e não enfraquecer tanto, mas não me convence muito, não. Hoje estão de boa e antes brigados?"

PARTICIPANTE J, GRUPO 1

"Eles passam uma mensagem positiva. O apoio dela é importante então é legal ter feito essa interação boa de novo, acontece em todo campo, ter briga e depois voltar, faz parte, né? Para mim é positivo, mesmo não sendo espontâneo, ter as reconciliações"

PARTICIPANTE D, GRUPO 1

"Eu acho que isso é estratégico para poder tomar força se unindo para eles ganharem e com certeza fortalece o Flávio, ela entra com muitas campanhas a favor das mulheres, ela é uma personagem forte da liderança das mulheres, ela leva muitas candidatas para apoiar Flávio. Eu, particularmente gosto das coisas que ela fala e apresenta em relação à mulher, família, então para mim faz diferença, sim"

PARTICIPANTE C, GRUPO 2

"Acho que é uma boa estratégia deles. Ela vai captar mais mulheres porque ela está na luta pelas mulheres, é boa dobradinha. Para mim é bom influencia ela estando junto porque já lutava bastante pelas mulheres, ela é bem engajada por estar na luta das mulheres, das mães"

PARTICIPANTE F, GRUPO 1



Leitura estratégica

Michelle pode amortecer vulnerabilidades de Flávio com mulheres e família, mas sua força também evidencia a fragilidade autônoma do senador. Ela soma, mas não substitui propostas, explicações e credibilidade própria.

3

Dark Horse: “página virada” sem documentos soa como fuga

A declaração de Flávio de que o caso Dark Horse estaria superado é mal-recebida. Os participantes cobram coerência entre promessa e entrega: se o senador havia se comprometido a apresentar documentos, deveria fazê-lo. A tentativa de deslocar o foco para Lulinha é percebida como cortina de fumaça, desvio de atenção e tentativa de “tirar o dele da reta”.

O ponto não é apenas jurídico ou documental; é moral e narrativo. Flávio precisa provar que não está escondendo nada. Quando declara que a página está virada sem apresentar provas, reforça exatamente a suspeita acumulada desde Dark Horse: falta de transparência, postura esquiva e baixa disposição de prestar contas.

“O correto é ele enviar provas para provar sua inocência. Ele prometeu. Tem que apresentar mais provas do que só a inocência nele. Ele falou do Lulinha, mas não, ele tem que mostrar as provas dele, não pode dizer que é simplesmente águas passadas”

PARTICIPANTE D, GRUPO 1

“Ele deveria, sim, provar a inocência dele porque até agora ninguém viu a documentação e e tenta desviar a culpabilidade falando de Lula de Lulinha. Ele tenta tirar o dele da reta querendo tirar o de Lulinha para poder se sair dessa coisa de documentação de provas, acho que ele está querendo maquiagem”

PARTICIPANTE J, GRUPO 1

“Esse tema, os políticos sempre escorregam nesse assunto jogando um contra o outro, acontece com todos. Então ele podia chegar e apresentar as provas, mas fez uma cortina de fumaça e puxou embaixo do tapete. Ele deveria ter entregado alguma documentação, alguma coisa, mas ele criou esse contexto de que ele ia entregar, mas agora adormeceu o assunto e se perde”

PARTICIPANTE R, GRUPO 1

“Acho que ele tem que mostrar para a justiça os documentos, não para mídia, mas para a justiça, mas o Lulinha também teria que mostrar, né?”

PARTICIPANTE F, GRUPO 2

"Acho que tem que mostrar, tem que provar, sim, mas concordo que tem que ter cobrança dos dois lados"

PARTICIPANTE C, GRUPO 2

"Eu não acho que é uma boa justificativa, é uma fuga em relação ao tema do banco, no mínimo deveria mostrar os documentos, as provas, os dados comprovatórios, com celeridade, é uma resposta que a população quer"

PARTICIPANTE R, GRUPO 2



Leitura estratégica

Flávio ganha respiro pela mudança de foco da agenda, mas perde quando tenta transformar esse respiro em absolvição. Sem documentos, Dark Horse deixa de ser notícia central, mas não deixa de ser passivo biográfico.



Ondas de escândalos: a memória curta como mecanismo eleitoral

Os participantes descrevem com clareza uma dinâmica central da rodada: os casos funcionam como ondas. Um escândalo não necessariamente termina; ele é substituído por outro. Assim, Dark Horse perde intensidade não porque foi esclarecido, mas porque Lulinha e Marcola passam a ocupar o centro da atenção.

Essa percepção é sofisticada e ambivalente. Os próprios participantes reconhecem que "não deveria ser assim", mas constataam que a política funciona por sucessão de focos, novidades e desgaste episódico. A cada semana, o pêndulo pode se mover conforme o caso dominante, ainda que passivos anteriores permaneçam latentes.

"A memória da gente é muito curta, aparecem tantas confusões, acho que a coisa do Flávio vai perdendo a intensidade, é como uma fofoca que no momento todo o mundo comenta, mas depois já foi outra coisa e vai se perdendo, então eu vejo isso acontecendo. Quando saiu o áudio todo o mundo comentou, mas agora aparecem outras coisas, outros desgastes, acho que agora o que está muito evidente agora é o Lulinha. A gente acaba meio esquecendo do Banco Máster e mudando o foco para o Lulinha"

PARTICIPANTE R, GRUPO 1

"Concordo, sim, todo o mundo faz corrupção e a gente vai pulando de um escândalo a outro e no momento o foco está no Lulinha, se não vazar mais nada do banco Máster, então agora o foco está no Lulinha"

PARTICIPANTE D, GRUPO 1

"Acho que agora a coisa mudou, né? A onda foi para o caso do Lulinha. Ficou ruim para o lado do Lula e na verdade tem que ser justos com todos e com o Lulinha parece que estavam passando pano um pouco, mas não dava mais para passar o pano e parece que as pessoas esqueceram um pouco do caso do Banco Master, amenizou um pouco para o lado do Flávio, mas também não podia, né"

PARTICIPANTE F, GRUPO 2

"Os ventos mudaram e com essa parte do Lulinha agora apareceu um escândalo grande para o Lula e os ventos mudaram totalmente para o Flavio, a intensidade do caso do Flávio ficou de lado e amenizou um pouco para ele"

PARTICIPANTE C, GRUPO 2

"é uma onda e com sempre tem novidade vai chegar a um ou a outro, cada um parece que vai tendo sua vez"

PARTICIPANTE R, GRUPO 2



Leitura estratégica

A campanha será julgada por ondas sucessivas de desgaste. O risco para ambos é confundir perda momentânea de atenção com encerramento do problema. O que sai da pauta pode voltar como confirmação biográfica diante de um novo fato.



Lulinha: declaração correta, confiança imperfeita

Diferentemente de rodadas anteriores, os participantes demonstram surpreendente grau de conhecimento sobre o caso Lulinha e maior ceticismo sobre a capacidade de Lula de se manter completamente afastado. A declaração de que o filho deve ser investigado e responder como qualquer cidadão é reconhecida como correta, mas já não basta para neutralizar o dano.

A rodada mostra a passagem de uma avaliação centrada na forma para uma cobrança centrada na prova de independência. Lula fala o que se espera de um presidente; o problema é se fará, na prática, o que diz. A suspeita de manobras, mudança de instância ou interferências indiretas amplia o desconforto e exige sinais públicos mais contundentes de autonomia investigativa.

"Acho que ele devia dar alguma entrevista falar "é meu filho, não tenho nada a ver com isso, se tiver culpa vai ter que responder", não abafar, devia fazer isso, marcar uma entrevista com o filho, ele que se explique e que mostre as provas, e aí ele vai mostrar que não está no mesmo barco que o filho dele. Dar uma coletiva e dar explicações"

"Ele já deu essa entrevista dizendo isso, dizendo que o filho se for culpado vai pagar pelo que fez, pelo menos no que eu vi ele não quis blindar o filho nem tirar a culpa dele. Eu achei interessante essa postura de não querer blindar o próprio filho, mas não sei se realmente vai agir dessa forma. Eu acho que agora Lula deveria deixar os trâmites legais e deixar a PF investigar e aplicar a lei"

PARTICIPANTE J, GRUPO 1

"Eu vi essa declaração dele e eu concordo, mas a gente sabe que existem muitas coisas que não estão aos nossos olhos. Eu vi comentários sobre modificações nos cursos das investigações, tudo isso acaba gerando desconforto na gente. Lula pode falar isso, mas depois dar orientações para moldar a investigação...tem que ver isso também. A declaração do Lula foi perfeita, mas a gente espera que ele não tenha nenhuma inferência e, eu, particularmente, não acredito que ele não interfira. Um parceiro, alguém do partido, imagina um filho então, não sei se ele vai deixar realmente as coisas acontecerem"

PARTICIPANTE R, GRUPO 1

"Acho que Lula vai tentar passar pano, mas acho que não vai conseguir porque envolve muito dinheiro, mas ele vai tentar porque vai respingar na campanha dele, mas também ele vai querer mostrar que ele está sendo imparcial. Eu vi a declaração do Lula, mas também vi que agora querem mudar para julgar a primeira instância para passar o tempo, né? Então ele faz essa declaração mas depois faz outras manobras. Dá uma declaração e já pedem para ser julgado em primeira instância?"

PARTICIPANTE F, GRUPO 2

"Acho que as declarações do Lula são uma maneira de se defender para a candidatura porque não tem como o Lula não saber, porque a gente sabia desde há muito tempo"

PARTICIPANTE C, GRUPO 2

"A imparcialidade é necessária para o Lula, mas tudo aparece que pode ter uma parte de uma manobra, de uma forma até legal, sem chamar muito a atenção"

PARTICIPANTE R, GRUPO 2



Leitura estratégica

Lula mantém vantagem de forma quando fala institucionalmente, mas o caso já entrou em zona de prova. A confiança agora depende menos da declaração correta e mais da percepção de que ele não interferirá nem direta nem indiretamente.

Marcola: o problema deixa de ser apenas familiar e vira questão de entorno

O caso Marcola aprofunda o desgaste porque amplia o campo da suspeita. Já não se trata apenas do filho de Lula, mas de pessoas próximas, assessores e circuitos de favorecimento percebidos como ligados ao entorno presidencial. Os participantes veem o episódio como troca de favores: abertura de portas, intermediação de contratos e benefícios financeiros.

A pergunta que estrutura essa recepção é simples: como Lula poderia estar cercado por pessoas envolvidas em suspeitas e não saber de nada? Mesmo quando não atribuem ao presidente o comando direto dos casos, os participantes começam a cobrar vigilância e maior cuidado na definição do entorno.

“As pessoas que estão sempre próximas têm envolvimento nessas situações, mas o Lula não tem?...isso me gera intriga muito grande. Mais um caso de uma pessoa próxima que comete atos ilícitos. Você está rodeado dessas pessoas e você se mantém firme? Estranho. É correto afastar e deixar investigar, mas isso é só feito quando você não tem mais como esconder, como blindar. Você é forçado a aceitar aquilo...e com certeza não tenho sombra de dúvida que Marcola favoreceu ela nos contratos. Era uma compensação, uma retribuição por negócios. Acho muito difícil que não haja esse tipo de envolvimento. E o Lula saberia? Esse ponto me intriga muito. Meu filho, meu sócio, meu funcionário envolvido e eu inocente? Complicado”

PARTICIPANTE R, GRUPO 1

“Tem alguma coisa errada, aí, pagar boleto por amizade? Troca de favor tem, favorecimento tem. Ele sabe os caminhos e abre os caminhos no Ministério da Saúde, são projetos grandiosos. Acho que Lula talvez não sabia os detalhes, mas que alguma coisa errada estava acontecendo acho que tinha”

PARTICIPANTE D, GRUPO 1

“é um triangulo de corrupção entre o Lulinha, o secretário e a mulher, né? Então acredito que talvez Lula não tenha participado, mas ele talvez sabia de que alguma coisa estava rolando, pessoas tão próximas envolvidas e ele não sabia de nada? Muito estranho, muito sem sentido”

PARTICIPANTE J, GRUPO 1

“Esse caso do Marcola está escancarado então é não tinha como Lula não saber disso, está aí para quem quiser vem, quem quiser abrir o olho e aí a gente sabe de outros escândalos de corrupção. Com certeza o secretário abria a porta dela para contrato, manobra”

PARTICIPANTE F, GRUPO 2

“Eu não vejo exatamente o Lula como cabeça de tudo, pode ser que esteja meio perdido nessa, mas todo mundo em volta fazendo? Ele talvez esteja sabendo de algo, mas os outros faziam. Eu sinto às vezes ele meio perdido. E com certeza nessa coisa do secretário tinha troca de favores,

abrir as portas, assessor direto dele, né? Tem o filho dele, o assessor, o negócio está pior do que a gente imaginava, deve ter mais coisa que pode explodir nos próximos dias"

PARTICIPANTE C, GRUPO 2

"A coisa do filho e do Marcola aparecem coisas interligadas. O Lula de alguma coisa devia saber, pode não saber de tudo, mas, não sei algo como uma corrupção passiva de alguma coisa sabia"

PARTICIPANTE R, GRUPO 2



Leitura estratégica

Marcola é mais perigoso para Lula do que parece porque altera a natureza do problema. O caso deixa de ser apenas empatia familiar com um filho investigado e passa a ser dúvida sobre o entorno.



Contaminação de Lula: firmeza tardia pode já não bastar

Os participantes têm dificuldade crescente de imaginar como Lula conseguirá se manter incontaminado pelos casos. A recomendação é que ele seja mais enérgico, se distancie claramente dos personagens e garanta investigações independentes. Mas a própria possibilidade de afastamento já aparece sob suspeita: para alguns, qualquer movimento poderá ser lido como cálculo ou encenação.

A vantagem institucional construída em rodadas anteriores passa a depender de demonstrações mais concretas de controle, distanciamento e transparência.

"Conseguir provar que ele não tem nada, não fez parte, mas é difícil provar isso, ninguém tem como saber"

PARTICIPANTE J, GRUPO 1

"Mesmo que o Lula falar que não sabe de tudo o que acontece a sua volta é muito estranho sempre ter problemas por perto e você nunca sabe. Acho que o cenário para Lula de momento está muito complicado e as coisas vão muito rápido. Quanto mais a batata ficar na mão dele vai pegar pior e o Flávio está se livrando. O Lula está se desgastando. Acho que ele não pode fazer grande coisa, a dúvida sempre vai ficar. Ele está com um grande problema"

PARTICIPANTE R, GRUPO 1

"Ele deveria tomar uma atitude mais firme, mais contundente, mostrar mais pulso firme, cada dia que se passa a gente fica mais frustrado se não fizer isso. Mas como ele comanda a nação e não sabe o que acontece lá dentro? OU está sendo um mal gestor ou está deixando acontecer"

PARTICIPANTE D, GRUPO 1

"Lula é inteligente, mas não sei se está agindo com sabedoria, que o filho responda e que o assessor responda. Acredito que tem que tomar a situação, ter firmeza e se colocar fora disso. Tem que se posicionar"

PARTICIPANTE R, GRUPO 2

"Acho que agora não há nada para ser feito, o escândalo já está aí, está visível, e ele parece conivente com tudo, para quem percebe essas coisas dificilmente vai acreditar no que Lula falar"

PARTICIPANTE C, GRUPO 2

"Imagino que ele vai jogar eles na fogueira, mas sabendo que eles vão se safar depois, mas o penso que as pessoas mais moderadas ele já está perdendo a confiança"

PARTICIPANTE F, GRUPO 2



Leitura estratégica

Lula precisa sair da resposta apenas discursiva. O eleitor pendular passa a cobrar demonstrações verificáveis de independência, distância e firmeza.



Inclinação de voto: fatores estáveis

Na inclinação final, as razões estruturais permanecem conhecidas. Flávio segue escolhido por alternância, renovação e cansaço com o PT. Lula segue escolhido por políticas públicas, programas sociais e percepção de cuidado com os mais pobres.

Ainda assim, o voto não se consolida de modo duro. Quem se inclina a Flávio não o faz por confiança robusta em sua biografia ou por propostas claras; quem se inclina a Lula já condiciona o voto à ausência de envolvimento nos casos. O pêndulo segue aberto, mas a rodada mostra que a agenda factual pode alterar rapidamente o sentido da comparação.

"Nesse momento, votaria no Flávio pela mudança de governo porque o PT já vem há muito tempo"

PARTICIPANTE D, GRUPO 1

"Minha tendência seria votar no Lula pelas coisas que ele fez pelo Brasil, coisas para os mais pobres, ele olha mais pelo lado dos necessitados. Se Lula não estiver envolvido no caso do Lulinha aí eu votaria nele"

PARTICIPANTE J, GRUPO 1

"No momento, votaria no Flávio por conta dos desgastes que existem no governo e pela alternância de poder"

PARTICIPANTE R, GRUPO 1

"Acho que ainda iria de Lula porque ele tem programas para os mais pobres"

PARTICIPANTE F, GRUPO 2

"Hoje, com as coisas que estou vendo, votaria no Flávio pela questão de mudança, pensando no futuro"

PARTICIPANTE C, GRUPO 2

"A tendência hoje seria votar no Lula porque acredito que os projetos para ele são melhores para os pobres"

PARTICIPANTE R, GRUPO 2



Leitura estratégica

A semana desloca o pêndulo contra Lula, mas não cristaliza adesão a Flávio. O voto continua sendo menos escolha afirmativa e mais comparação de desgaste, risco, memória social e desejo de alternância.



Integração analítica

A décima quinta rodada aprofunda a passagem da campanha inaugurada para a campanha em ondas. Na rodada anterior, os discursos de abertura foram avaliados como incapazes de romper a dupla estagnação: Lula com mais propostas, mas preso ao excesso retórico e ao passado; Flávio com desejo de mudança, mas sem projeto. Agora, a disputa volta a ser reordenada por eventos de alta carga moral e por movimentos de recomposição simbólica.

Flávio tem boa notícia na recomposição com Michelle. O vídeo não é recebido como plenamente autêntico, mas isso não impede que produza efeito. O eleitor pendular sabe que campanha é construção, sabe que há marketing e percebe cálculo. Ainda assim, considera que a unidade é necessária. O pragmatismo aparece de forma cristalina: se a briga enfraquecia, a reconciliação ajuda. A performance não precisa ser verdadeira para ser funcional; precisa apenas ser menos prejudicial do que a desunião.

Mas esse ganho convive com um passivo que não se resolve: Dark Horse. Ao afirmar que a página está virada sem apresentar os documentos prometidos, Flávio tenta transformar a substituição da pauta em quitação moral. Os participantes não aceitam essa operação. Para eles, a memória pode ser curta, mas a cobrança de prova permanece legítima. Essa distinção é essencial: o caso pode perder centralidade sem perder relevância biográfica.

No campo de Lula, o caso Lulinha já não aparece como ruído difuso. Os participantes demonstram conhecimento, repetem informações, mencionam declarações de Lula, falam em mudança de instância judicial, PF, risco de manobras e necessidade de independência. A fala presidencial ainda é reconhecida como correta, mas o problema deixa de ser a adequação da frase e passa a ser a credibilidade da conduta. Lula parece falar como estadista, mas o eleitor pergunta se agirá como tal quando o filho e o entorno estiverem sob pressão.

O caso Marcola amplia a crise porque atinge a lógica do entorno. Ele transforma a suspeita em pergunta sobre comando: se o assessor abre portas, intermedeia contratos e troca favores, o presidente sabia ou desconfiava? Mesmo que Lula não seja visto como “cabeça de tudo”, a ideia de estar cercado por problemas enfraquece a imagem de maturidade e governabilidade que vinha favorecendo sua candidatura.

Com isso, a rodada reformula a assimetria entre Lula e Flávio. Flávio segue carregando uma corrupção de tipo biográfico: o problema está nele, em suas explicações, seus documentos não apresentados, sua relação com Vorcaro e sua credibilidade pessoal. Lula passa a carregar, mais intensamente, uma corrupção de tipo ambiental: o problema está no entorno, no filho, no assessor, nos canais de acesso e na dúvida sobre o que sabia. A pergunta do eleitor muda: não é apenas “quem é mais corrupto?”, mas “quem é mais capaz de impedir que os seus contaminem o governo?”.

A metáfora das ondas é o achado mais importante da rodada. O eleitor sabe que um escândalo substitui outro, que a atenção se desloca, que a intensidade muda. Essa percepção não produz cinismo absoluto; produz uma forma de vigilância intermitente. O que está no centro da onda move o voto naquela semana; o que sai do centro permanece como sedimento, pronto para ser reativado por novo fato. A campanha, portanto, não será linear: será uma sequência de sedimentações e reativações.

No voto, a estrutura continua estável: Lula ainda é lembrado por políticas para os pobres; Flávio ainda é depositário de alternância.

A pergunta que a rodada deixa é exigente para os dois candidatos. Para Flávio: é possível aproveitar o respiro dado por Michelle e pela onda contra Lula sem continuar fugindo de Dark Horse? Para Lula: é possível preservar a imagem de estadista quando a suspeita já não está apenas no adversário, mas no filho, no assessor e no entorno? A campanha segue aberta, mas a décima quinta rodada mostra que o pêndulo não se move apenas por propostas; move-se pela administração moral de cada nova onda.



Fique de olho

Pontos de atenção para as próximas semanas.

- 👉 Se a reaproximação Flávio-Michelle continuará parecendo funcional ou se novas tensões familiares reativarão a percepção de encenação e desunião.
- 👉 Se Flávio será novamente cobrado a apresentar documentos do caso Dark Horse e como reagirá à cobrança de provas prometidas.
- 👉 Se a estratégia de “virar a página” funcionará como deslocamento temporário ou produzirá percepção mais duradoura de fuga e ausência de prestação de contas.
- 👉 Se novos fatos sobre Banco Master, Vorcara ou Dark Horse reativarão o passivo biográfico de Flávio, hoje parcialmente deslocado pelo caso Lulinha-Marcola.
- 👉 Se Lula conseguirá demonstrar, com atos e não apenas declarações, que não interferirá nas investigações envolvendo Lulinha.
- 👉 Se a tentativa de levar ou manter partes do caso em determinada instância será percebida como rito jurídico normal ou como manobra de proteção.
- 👉 Se o caso Marcola continuará ampliando a crítica ao entorno de Lula e à capacidade do presidente de controlar pessoas próximas.
- 👉 Se Lula adotará postura de distanciamento dos envolvidos ou se qualquer gesto será lido como tardio e calculado.
- 👉 Se a onda Lulinha-Marcola deslocará de modo consistente o desgaste eleitoral contra Lula ou se será substituída rapidamente por nova onda envolvendo Flávio.
- 👉 Se a guerra de escândalos empurrará a campanha para um “todos iguais” ou se as assimetrias entre corrupção biográfica e corrupção de entorno continuarão orientando o julgamento pendular.
- 👉 Se a inclinação pró-Flávio por alternância ganhará conteúdo positivo ou seguirá dependente do desgaste do PT e de Lula.
- 👉 Se a inclinação pró-Lula por políticas sociais resistirá caso os casos de entorno sigam crescendo em saliência.
- 👉 Se a agenda factual seguirá comandando o pêndulo semanalmente, sobrepondo-se a propostas, programas e discursos formais de campanha.



Conclusão

A décima quinta rodada indica que a campanha entrou em uma fase em que cada candidato tenta atravessar sua própria onda de desgaste enquanto se beneficia da onda negativa do adversário. Flávio consegue recompor parcialmente a imagem de unidade ao aparecer ao lado de Michelle, e esse gesto ajuda porque responde a uma fragilidade real: a percepção de desunião e conflito familiar. Mas a recomposição é limitada. O senador ainda não apresentou os documentos prometidos sobre Dark Horse, e sua tentativa de tratar o caso como página virada é recebida como fuga, não como esclarecimento.

Lula, por sua vez, enfrenta a rodada mais delicada desde que a variável maturidade-previsibilidade passou a favorecê-lo. Sua fala sobre investigação e autonomia da PF continua correta, mas a confiança que vinha sustentando sua vantagem é tensionada pela acumulação Lulinha-Marcola. O eleitor já não pergunta apenas se Lula falou como estadista; pergunta se ele terá condições, vontade e firmeza para não proteger o filho, não blindar o entorno e não manobrar nos bastidores.

O caso Marcola é especialmente relevante porque amplia a suspeita para além da família. Ele coloca em questão a qualidade do entorno, os canais de acesso ao governo e a capacidade de controle presidencial. Mesmo sem afirmar envolvimento direto de Lula, os participantes começam a perceber um problema de proximidade: se tantas pessoas próximas se envolvem em suspeitas, o presidente não teria desconfiado de nada?

O achado central da rodada é a lógica das ondas. Dark Horse não acabou; foi deslocado. Lulinha-Marcola não necessariamente definirá a eleição. O eleitor pendular vive a campanha como sucessão de focos: cada caso sobe, desgasta, sedimenta e pode voltar. A memória é curta para a intensidade, mas longa para a biografia. O que passa não desaparece; vira camada interpretativa.

No voto, a disputa permanece relacional. Flávio é escolha de alternância, mudança, renovação e cansaço com o PT. Lula é escolha de políticas públicas, cuidado com os pobres e memória de entregas. O desafio de Flávio é transformar esse alívio em credibilidade; o de Lula é impedir que suspeitas próximas corroam sua vantagem de postura e experiência.

A rodada deixa uma formulação: a eleição seguirá sendo decidida não apenas por quem promete mais, mas por quem atravessa melhor as ondas de suspeita. Flávio precisa provar que sua mudança não é fuga de prestação de contas. Lula precisa provar que sua experiência não é blindagem para os seus. Enquanto isso não acontece, o pêndulo segue aberto, volátil e governado pela agenda factual.